

Educação de Primeiro Mundo chega à Bahia

MÁRIA JOSÉ QUADROS

SALVADOR -- Em meio à pobreza do interior baiano, oito escolas concebidas com mentalidade de Primeiro Mundo vêm demonstrando que é possível ser implantado um sistema educacional de primeira qualidade no Nordeste. O projeto é da Fundação José Carvalho, entidade sem fins lucrativos instalada no município de Pojuca, a 67 quilômetros de Salvador, e vinculada à Companhia de Ferro-Ligas da Bahia (Ferbas), a maior produtora de ferro-cromo do continente americano.

Por decisão do presidente da empresa, o engenheiro José Gorgosinho de Carvalho Filho, 92% do capital da Ferbas — que apresenta um faturamento médio de US\$ 100 milhões por ano — passaram para o controle da Fundação, que conta ainda com recursos provenientes de aluguéis de bens imóveis, arrendamentos e doações.

O objetivo da entidade é melhorar a qualidade de vida das pessoas carentes do Nordeste, através da educação. Desde 1975, a Fundação José Carvalho vem mantendo oito escolas nos municípios de Pojuca, Mata de São João, Andorinhas, Catu, Entre Rios e Campo Formoso, atendendo atualmente a cerca de quatro mil alunos. São quatro escolas convencionais, duas escolas rurais, um centro de reciclagem de professores leigos e uma escola para adolescentes superdotados, a única do Nordeste.

Ainda no final deste ano, deverá ser inaugurado um abrigo para crianças abandonadas até seis anos de idade, com um total de 400 vagas. E está em estudos a implantação de uma escola para meninas de rua.

Quem visita qualquer uma dessas escolas tem a impressão

de que ingressou no Brasil dos sonhos de todos: crianças e adolescentes (todos de origem pobre) bem nutridos e interessados e professores dedicados.

— O próprio ambiente que conseguimos implantar já é parte da educação que oferecemos — explica a diretora do Colégio Técnico da Fundação, Tânia Reis Torres.

O Colégio Técnico, instalado junto à planta industrial da Ferbas, em Pojuca, é a escola para superdotados. Os estudantes do Colégio Técnico, que oferece ensino profissionalizante de 2º grau, são escolhidos entre os que revelam aptidões acima da média em escolas públicas de todo o Nordeste.

O colégio, o primeiro da rede montada pela Fundação em 1975, funcionou até o ano passado com uma metodologia revolucionária para o país: o ensino era totalmente individual e personalizado. Não havia salas de aula. O aluno estudava sozinho a matéria que se comprometia a aprender e, quando se considerava em condições, marcava, ele próprio, o dia da prova. Os professores apenas esclareciam as dúvidas.

Os alunos estudavam em regime de internato, o que foi abolido este ano. Agora, os 110 estudantes são mantidos em repúblicas na cidade de Pojuca, com bolsas oferecidas pela Fundação — cada aluno recebe mensalmente pouco mais do que o salário-mínimo. Passam no mínimo oito horas por dia na escola, onde se especializam em metalurgia, informática ou tradução (inglês ou francês).

A escola está localizada no campus de Belamira, um espaço com áreas verdes e um lago artificial. Ali há quadras de esportes, piscina, uma capela ecumênica, teatro e refeitório.